

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO- CCAE
CAMPUS IV – LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DCS
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

“Trabalho, prática esportiva e a relação com animais”: a vaquejada de 07 de
setembro na cidade de Rio Tinto - PB

**RIO TINTO - PB
SETEMBRO – 2019**

JAQUELINE DA SILVA BIZERRIL

“Trabalho, prática esportiva e a relação com animais”: a vaquejada de 07 de setembro na cidade de Rio Tinto - PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, em atendimento às exigências para obtenção do Grau de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Giovannini Júnior

RIO TINTO - PB
SETEMBRO – 2019

JAQUELINE DA SILVA BIZERRIL

“Trabalho, prática esportiva e a relação com animais”: a vaquejada de 07 de setembro na cidade de Rio Tinto – PB

Trabalho de conclusão de curso julgado e aprovado em ___/___/___.

Comissão Examinadora

Prof.º Dr. Oswaldo Giovannini Junior
Orientador

Prof.^a Dr.^a Kelly Emanuely de Oliveira
Examinador

Ms. Caio Nobre Lisboa
Examinador

RIO TINTO – PB
SETEMBRO – 2019

“Trabalho, prática esportiva e a relação com animais”: a vaquejada de 07 de setembro na cidade de Rio Tinto - PB

“Work, sports practice and the relationship with animals”: the vaquejada of September 7 in Rio Tinto - PB

BIZERRIL,JS¹
JUNIOR, OG²

RESUMO:

O presente trabalho etnográfico foi realizado na cidade de Rio Tinto, localizada no estado da Paraíba. O objetivo foi pesquisar e analisar o trabalho, a prática esportiva e a relação com os animais na vaquejada durante o evento que ocorre entre os dias 06 e 08 de setembro de cada ano na cidade. Analisei também a importância do mesmo para os moradores da cidade, seus significados e origens, como também o valor cultural e socioeconômico para a população. O artigo tem como objetivo final analisar a valorização e a diversidade de opiniões referente ao evento, trazendo entrevistas e depoimentos. Abordo a discussão entre a defesa da realização das vaquejadas como tradição cultural e econômica da região de um lado e, do outro, a defesa dos ativistas como sendo uma prática de maus tratos aos animais envolvidos e a falta de segurança para os vaqueiros.

Palavras Chaves: Vaquejada, Trabalho, Esporte, Cultura.

ABSTRACT

This ethnographic work was carried out in the city of Rio Tinto, located in Paraíba state. The objective was to research and analyze the work, the sports practice and the relationship with the animals in the cow during the event that takes place between September 6 and 8th of each year in the city. I also analyzed its importance for the city residents, its meanings and origins, as well as the cultural and socioeconomic value for the population. The article aims to analyze the valuation and diversity of opinions regarding the event, bringing interviews and testimonials about the event. I discuss the argument between advocating the realization of the cowherds as a cultural and economic tradition of the region on the one hand and, on the other, defending the activists as a practice of mistreating the animals involved and the lack of safety for the cowboys.

Keywords: Vaquejada, Work, Sport, Culture

¹ Discente: Jaqueline da Silva Bizerril, graduando do curso de Bacharelado em antropologia UFPB, email:Kel.bizerrilmme@hotmail.com.

² Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Giovannini Junior oswaldo.email.giovanninjr@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A vaquejada é uma atividade que teve origem com a apartação do boi. E surgiu no período de 1760 e 1790 junto com a feira do gado. As fazendas não eram cercadas então, após o período chuvoso, os fazendeiros reuniam os vaqueiros para recolherem seu gado e separá-lo do gado do vizinho. Teve início no sertão do Nordeste nos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará, Paraíba, Bahia e Sergipe.

A apartação praticada pelos peões servia para a separação e classificação do gado, os vaqueiros separavam o gado que seria comercializado daqueles que seriam castrados e ferrados, isto é, marcando a ferro com a letra inicial do nome do seu dono

A vaquejada surgiu no Rio Grande do Norte com as corridas de bois, como não existiam cercas, os gados eram marcados e soltos na mata cerrada, após algum tempo, até meses, os coronéis donos das fazendas contratavam peões para entrar na caatinga em busca do seu gado.

A festa teve como berço a cidade de Currais Novos, que levou esse nome por sua grande quantidade de currais que serviam para separar o gado. Hoje em dia é muito praticada e conhecida em outras regiões do nosso país. A festa da vaquejada era, segundo Câmara Cascudo(1976), *uma exibição [...]de força ágil, provocadora de aplausos e criadora de fama.* (Cascudo,1976, p.17)”.
O vaqueiro podia interceptar o boi em qualquer lugar, mas isto era feito no mato. Tal prática acontecia porque a atividade do vaqueiro era transportar o gado de uma região para outra, ou de conduzir o gado para se alimentar no pasto, ou, ainda, de correr atrás de gado para separá-lo e marcá-lo (AIRES, 2002, p. 78).

Era uma perseguição cheia de malabarismos entre os espinhos das árvores secas do sertão. Para se livrarem dos ferimentos causados por esses espinhos os peões junto a seus cavalos se contorciam entre um galho e outro, dessa forma eles perseguiam, laçavam e traziam o boi até o coronel. Segundo Sales³(2017) ele diz que:

Na verdade, tudo começou aqui pelo Nordeste com o Ciclo dos Currais. É onde entram as apartações. Os campos de criar não eram cercados. O gado, criado em vastos campos abertos, distanciava-se em busca de alimentação mais abundante nos fundos dos pastos. Para juntar gado disperso pelas serras, caatingas e tabuleiros, foi que surgiu a apartação. Escolhia-se antecipadamente uma determinada fazenda e, no dia marcado para o início

³ Roberto Tadeu Marinho Sales: Bacharel em direito pela UFRN, em 2017.

da apartação, numerosos fazendeiros e vaqueiros devidamente encourados⁴ partiam para o campo, guiados pelo fazendeiro anfitrião, divididos em grupos espalhados em todas as direções à procura da gadaria. O gado encontrado era cercado em uma malhada ou rodeador, lugar mais ou menos aberto, comumente sombreado por algumas árvores, onde as reses costumavam proteger-se do sol, e nesse caso o grupo de vaqueiros se dividia. Habitualmente ficava um vaqueiro aboiador para dar o sinal do local aos companheiros ausentes. Um certo número de vaqueiros ficava dando o cerco, enquanto os outros continuavam a campear. Ao fim da tarde, cada grupo encaminhava o gado através de um vaquejador, estrada ou caminho aberto por onde conduzir o gado para os currais da fazenda. O gado era tangido na base do traquejo, como era chamada a prática ou jeito de conduzi-lo para os currais. Quando era encontrado um barbatão da conta do vaqueiro da fazenda-sede, ou da conta de vaqueiro de outra fazenda, era necessário pegá-lo de carreira. Barbatão era o touro ou novilho que, por ter sido criado nos matos, se tornara bravo. Depois de derrubado, o animal era peado⁵ e enchocalhado⁶. Quando a rés não era peada, era algemada com uma alga de madeira, pequena forquilha colocada em uma de suas patas dianteiras para não deixa-la correr. Se o vaqueiro que corria mais próximo do boi não conseguia pega-lo pela bassoura⁷, o mesmo que rabo ou cauda do animal, e derrubá-lo, os companheiros lhe gritavam: - Você botou o boi no mato! (SALES, 2017, p.13).

As vaquejadas são consideradas uma cultura tradicional do Nordeste que, para muitos, serve como uma fonte de renda, pois gera empregos para homens que foram criados no campo lidando com gado e com criação de cavalos tornando-se vaqueiros.

Considero que a prática da vaquejada é uma manifestação cultural, no sentido antropológico do termo. Por isso é importante trazer o conceito de cultura para a interpretação da vida social. Segundo Roberto DaMatta:

[...] para nós "cultura" não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de "Civilização", mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas (DA MATTA,1981, p. 2).

A noção de cultura é acionada por muitos para justificar a prática da vaquejada, especialmente no sentido de ser um patrimônio cultural, ou seja, uma manifestação cultural que expressa uma identidade nordestina. Para muitos praticantes tal atividade é considerada como esporte, pois é uma disputa entre vaqueiros que tentam encurralar o gado e derrubá-lo dentro de

⁴ Encourados: aquele que veste roupa de couro, conforme o uso dos vaqueiros.

⁵ Peado: preso ou amarrado.

⁶ Enchocalhado: Por o chocalho no gado.

⁷ Bassoura: ponta do rabo do gado.

uma área demarcada por linhas de cal, entretanto, muitos ativistas protetores dos direitos dos animais acreditam que essa prática é um sofrimento para o gado, já que muitos desses animais têm seus rabos arrancados nas corridas, entre outros ferimentos. Apesar do aumento de certa fiscalização das vaquejadas, os ferimentos ainda são recorrentes, e difíceis de serem evitados, se consideramos a força necessária para derrubar o animal durante sua corrida.



Figura 01: Vaqueiros encerrando o boi, durante a vaquejada em Rio Tinto - PB, no dia 08.09.2019.
Fonte: Jaqueline Bizerril 2019

Em 1960 as vaquejadas se oficializaram e a disputa passou a ocorrer numa faixa delimitada de 6m. Em 1980 houve uma mudança nas faixas passando de 6 para 10 metros. Em 2013 devido à grande movimentação em dinheiro em torno das premiações e espetáculos essas vaquejadas se tornaram um negócio.

No início a vaquejada era considerada apenas uma diversão para os vaqueiros e suas famílias. Com o passar dos anos tornou-se uma festividade de grande porte, trazendo lucros financeiros. Hoje é reconhecida como um esporte e como uma cultura regional do Nordeste brasileiro, além de uma festividade que gera renda local. Muitos colocam barracas para vendas de bebidas e comidas para os simpatizantes desse esporte que vão assistir movimentando a economia local.

Muitas vaquejadas tem uma estrutura montada para receber diversas pessoas: arquibancadas, parques de diversões para crianças, barracas de bebidas e comidas além de palcos para a realização de shows para aqueles que são apreciadores de música sertaneja, forró entre outros estilos musicais.

Diante dessa discussão, entre a defesa da realização das vaquejadas como tradição cultural e econômica da região, e do outro lado à crítica dos ativistas como sendo uma prática de maus tratos aos animais envolvidos e falta de segurança para os vaqueiros, realizo minha pesquisa.

2. A Vaquejada de Rio Tinto: o campo, os objetivos e a metodologia da pesquisa

Esse trabalho tem como objetivo entender melhor os vários significados que circulam em torno do evento e do que ocorre nele, já que uns acreditam ser um esporte, outros dizem ser uma cultura, outros ainda condenam por ser uma prática ofensiva aos animais.

Pretendo observar a diversidade de sentidos que circulam em torno desse evento e como ele continua acontecendo com vigor e adesão da população e do comércio local durante todos esses anos.

O objetivo da pesquisa foi selecionar pessoas e discursos com visões distintas que participaram ou participam da vaquejada de Rio Tinto-PB, tais como: vaqueiros, os organizadores do evento, simpatizantes e defensores dos animais. Pretendo analisar essas opiniões para entender a multiplicidade de sentidos envolvidos nesse evento.

Dentro desse quadro, tento analisar a importância desse evento para a cidade, pois é um evento que ocorre há 72 anos na cidade de Rio Tinto- PB e que já faz parte da cultura da mesma, envolvendo vários profissionais, tanto os vaqueiros que lidam diretamente com o gado, quanto os empresários e profissionais dos setores públicos e privados.

A vaquejada passou a fazer parte da cultura da região nordestina e permanece acontecendo mesmo havendo toda essa polêmica em torno dos maus tratos aos animais que são usados para a realização do mesmo.

A vaquejada de 07 de setembro, em Rio Tinto- PB, cidade essa que fica localizada a 62 km da capital Paraibana João Pessoa, acontece hoje no Parque de vaquejada Dep. Balduino Minervino de Carvalho, construído nos anos 90 e que fica localizado nas margens da mata atlântica e da reserva ambiental Guaribas.



Figura 02: Foto do pátio nos anos 90, logo após sua construção.
Fonte: Acervo pessoal de Junior da Locadora. Acesso em maio de 2019.



Figura 03: Foto do pátio de vaquejada no dia 08.09. 2019.

Fonte: Jaqueline Bizerril (2019)

A vaquejada de Rio Tinto-PB teve início com as corridas de bois do coronel Frederico Lundgren, tendo como precursores os empregados da Fábrica: Apolônio Gomes de Arruda, Ornilo Costa, Pedro Gomes, João Virgínio e outros, (BATISTA,1971, P.42). Batista traz em seu livro “**Rio Tinto o Extinto (1971)**”, uma breve história de como se deu a vaquejada nos seus primeiros anos com a corrida de bois, sendo sua primeira edição oficial a ser registrada no ano de 1947 como é contado no livro.

A vaquejada está ligada à construção da indústria têxtil, a Companhia de Tecidos Rio Tinto, e à fundação da cidade, que se deu com a compra das terras do Engenho Preguiça: “O Engenho da preguiça (hoje Rio Tinto) foi vendido ao coronel Frederico João Lundgren, pelo seu proprietário Alberto Cesar de Albuquerque, no ano da graça de 1917, pela respeitável importância de vinte e três contos de réis” (BATISTA,1971, p.28). Na época pertencia ao município de Mamanguape-PB e foi elevada à condição de cidade em novembro de 1956.

Aquelas corridas, comumente em dia 07 de setembro, empolgavam tanto pela organização dos festejos, como também pelo aspecto espontâneo do ambiente. O coronel mandava convidar o que fosse de fazendeiros dos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco (e quem mais quisesse vir) e que trouxessem também seus bons vaqueiros, para diversão de quantos aqui habitavam. Os convidados eram hóspedes especiais, tanto fazendeiros como vaqueiros: não havia distinção! (BATISTA,1971 p. 42).

No início esse evento era realizado em outros lugares na cidade, segundo relatos de moradores antigos de Rio Tinto que foram meus interlocutores durante minha pesquisa: Maria, Marcos, Andrade e Dilma. As informações colhidas são que o evento já foi realizado na Rua Formosa, no Conjunto Beira Rio e onde hoje fica localizada a Escola do Centro Integrado e o espaço onde hoje tem o estádio da cidade, conhecido por Gerbasão. Muitos anos depois foi que ela começou a ser no local onde construíram o parque. O parque é um dos maiores parques de vaquejada do Brasil, o evento é realizado em homenagem ao dia da independência.



Figura 04: Imagem da Vaquejada na sua 19ª edição, no ano de 1967 na Rua Formosa.

Fonte: Acervo pessoal de Junior da locadora. Acesso em maio 2019

O evento tem início no dia 06 e vai até o dia 08. O dia principal é o dia 07, quando além da vaquejada ocorrem os shows. Toda programação tem início no dia 06 com uma cavalgada que está na sua 33ª edição saindo da Vila Regina. Os vaqueiros fazem um percurso de 4 km em desfile, com a chegada prevista para as 18 horas no pátio de vaquejada, e termina no dia 08 com as finais das disputas dos vaqueiros, que duram até a noite. Segundo Marcos, morador antigo da cidade e participante do evento como vaqueiro amador, esse percurso saía do local onde hoje é o ginásio Gerbasão e percorria as ruas da cidade. Hoje em dia o percurso sai da Vila Regina com destino ao pátio onde a missa do vaqueiro é celebrada. Em seguida os vaqueiros são abençoados pelo pároco da cidade. Só após que dá início às festividades com a vaquejada.

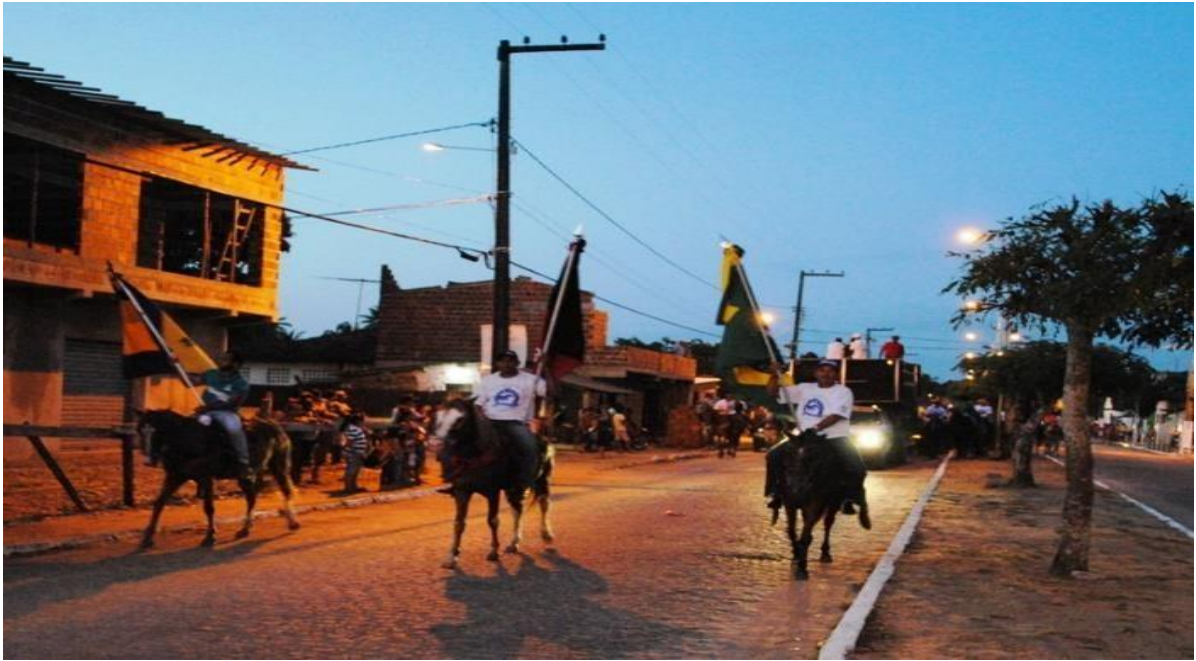


Figura 05: Imagem da cavalgada na Vila Regina, que dá início ao evento.

Fonte: <http://www.paraibacriativa.com.br/artista/vaquejada-da-independencia-de-rio-tinto/>. Acesso em maio de 2018.



FIGURA 6: Imagem da cavalgada na chegada ao pátio, foto tirada em 07.09.2013.

Fonte: <http://www.paraibacriativa.com.br/artista/vaquejada-da-independencia-de-rio-tinto/>. Acesso em maio de 2018.

A programação do evento começa no dia 06, como descrito acima, com a cavalgada, seguida com a abertura da vaquejada. No dia 07 além da continuação das disputas dos vaqueiros tem o Forró do Vaqueiro que acontece na Praça da Vitória, com shows gratuitos, organizados e patrocinados pela Prefeitura Municipal como mostra a Figura 7. Entretanto, já aconteceu de ser organizada por equipes privadas como a Rádio Correio do Vale de Mamanguape, e também até

o ano de 2017 havia a Festa do Vaqueiro que era realizado na Orion Show (antigo cinema da cidade, hoje casa de shows).



FIGURA 7: Imagem do cartaz oficial da festa de 2019.

Fonte: (https://pbvale.com.br/.../vaquejada-de-rio-tinto-completa-72...)

A vaquejada de Rio Tinto-PB é um evento cultural da região, porém é realizado também com fins lucrativos, tendo ajuda de patrocinadores como a Secretaria de Turismo do Município e empresários locais, essas ajudas financeiras são revertidas para a produção do evento e o pagamento das premiações, além das senhas, (termo utilizado para designar a inscrição do vaqueiro na vaquejada), que são vendidas aos vaqueiros.

Segundo o Portal da vaquejada⁸, a maioria dos eventos reúne cerca de 50 mil visitantes. As pessoas que por ela passam variam de idade. Como é um ambiente familiar, os pais levam seus filhos para prestigiarem o evento. A circulação de pessoas, variam de idade de acordo com o horário. Durante o dia o público maior é de crianças com seus pais, na parte da tarde o fluxo maior é de jovens, à noite o fluxo é de pessoas que vão para acompanhar os shows. Nesses shows já passaram muitas bandas conhecidas como Limão com Mel, Rita de Cássia, Valquíria Santos, Aviões do Forró e muitas outras.

De acordo com notícia de um jornal regional o público estimado no ano de 2019 era de 30.000 pessoas: “Esse ano a previsão é que entre os dias 6 e 7 de setembro a cidade de Rio

⁸ O Portal Vaquejada é maior canal de notícias e informações sobre a vaquejada nordestina, considerado o mais importante esporte do mercado equino do Brasil, traz notícias, vídeos, fotos, campeonatos, ranking, regulamento e etapas das vaquejadas do Nordeste. (<http://www.portalvaquejada.com.br/vaquejadas.>)

Tinto deverá receber cerca de 30 mil pessoas de outras regiões do Estado”. (<https://pbvale.com.br/.../vaquejada-de-rio-tinto-completa-72.../>).

3. Desenvolvimento da pesquisa

Entre as observações realizadas voltei atenção ao trabalho, à prática do esporte, e a relação do homem com os animais usados no evento, como também a importância desse evento para os moradores da cidade e a influência na vida social dos mesmos. Para tal serviu de inspiração os ensinamentos de Durkheim que fala que o fruto da vida social é uma ação que nasce e é construída do coletivo. “...uma multidão de espécies diversos associou, misturou, combinou suas ideias e seus sentimentos; longas séries de gerações neles acumularam sua experiência e seu saber. (Durkheim, 1993, p. XXIII). Também me inspirei em Simmel (1983) para pensar acerca das interações sociais. Este autor define sociabilidade como “interação entre indivíduos”, sendo assim esta interação se baseia nos objetivos comuns entre os indivíduos, favorecendo encontros que os unem formando vínculos sociais (Simmel,1983).

Para conhecer melhor a Vaquejada e compreender as várias relações que acontecem dentro do evento fiz uso do método etnográfico no início do meu trabalho de campo. Segundo Magnani “O método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos” (MAGNANI, 2002, p.17).

Segundo Malinowski: “Neste tipo de pesquisa, recomenda-se ao etnógrafo que de vez em quando deixe de lado a máquina fotográfica, lápis e papel e participe pessoalmente do que está acontecendo” (MALINOWSKI, 1978.p. 31). Desta forma no ano de 2018 e 2019 dei continuidade ao meu trabalho de campo, indo ao evento como observadora e participante.

A etnografia é um método científico utilizado pela antropologia como uma forma de coletar dados, e para se obter um bom resultado é preciso fazer um trabalho de campo. Diante disso, tive bastante dificuldades pois escolhi pesquisar um evento que só ocorre uma vez por ano, então busquei fazer minhas pesquisas também através de conversas informais com moradores da região além de buscar informações em outras pesquisas relacionados às vaquejadas, em livros que contam a história da cidade e sites de vaquejada da internet. As técnicas utilizadas na minha pesquisa foram entrevistas semiestruturadas com gravador de voz ou celular, câmera fotográfica, uso de caderno de campo e conversas informais.

Outro método que procurei utilizar foi da **Autoetnografia** (Santos,2017), valendo-se das minhas próprias memórias, de minhas experiências vividas nos anos em que frequentei

a vaquejada, tanto como admiradora do evento como participante da organização da festa nos anos 1990. Durante muitos anos assisti ao evento e depois comecei a participar da organização dele, trabalhando nos bares da casa de show e na venda de bilhetes para entrada da festa.

A autoetnografia é uma forma de se escrever a história de um povo ou de uma cultura a partir das lembranças do pesquisador contribuindo com um enriquecimento de detalhes vividos pelo próprio pesquisador. Faço uso da experiência pessoal para melhor descrever e criticar as crenças culturais e práticas, valorizando as relações do pesquisador com os sujeitos da pesquisa, visando uma melhor e cuidadosa autorreflexão. De acordo com Silvio Mateus Alves Santos⁹

Autoetnografia” vem do grego: auto (self= “em si mesmo”), ethnos (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e grapho (escrever = “a forma de construção da escrita”). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve). (SANTOS, 2017, p.278)

A autoetnografia é um método através do qual o pesquisador dá voz a suas lembranças a partir de seus relatos de história de vida. Aproveito, então, para relatar um pouco da minha experiência do tempo em que ia para as vaquejadas em Rio Tinto-PB. Eu tinha uns 18 anos, naquele tempo entre os anos 1990 e 2000, nos dependíamos de carona dos colegas, muitas vezes eu e as meninas íamos com o pessoal que ia correr e depois ficávamos para a Festa do Vaqueiro. Em 2005 conheci o pessoal da rádio Correio do Vale de Mamanguape e fui convidada a trabalhar no evento. Trabalhei na bilheteria e depois no bar. Eu adorava porque ia para a vaquejada e de lá podia ficar para a festa sem gastar nada e ainda ganhava algum dinheiro. Foi um tempo muito bom, adorávamos aquelas calças jeans apertada e botas. Muitas vezes até colete usávamos. Tenho saudade daquele tempo, hoje o evento não é mais o mesmo.

Fiz uso também do método de história oral. Menezes diz que é uma forma de [...]fazer uma interpretação da fala do outro, reconstruindo não apenas os eventos, as experiências e os processos sociais, mas o sentido atribuído pelo seu praticante (MENEZES, 2005, p. 23). E ainda:

A História Oral constitui uma metodologia qualitativa de pesquisa voltada para o conhecimento do tempo presente, permite conhecer a realidade presente e o passado ainda próximo pela experiência e pela voz daqueles que os viveram. Não se resume a uma simples técnica, incluindo também uma postura, na medida em que seu objetivo não se limita à ampliação de conhecimentos e informações, mas visa conhecer a versão dos agentes. Permite conhecer diferentes versões sobre um mesmo período ou fato, versões estas marcadas pela posição social daqueles que os viveram e os narram (MENEZES, 2005, p. 28).

⁹ Doutor em sociologia pela USP, SÃO PAULO, 2017

O meu trabalho de campo teve início no ano 2017 e surgiu na época em que fiz a disciplina Introdução à Antropologia Visual. Fiz um trabalho de campo sobre a feira do gado que é realizada na cidade de Itapororoca-PB. Ao ir para campo fazer a pesquisa me deparei com vaqueiros vendendo não só gado como também cavalos. Lá também se encontravam pessoas vendendo produtos para vaquejada e para manuseio de animais como gado e cavalos, daí então me fez lembrar das vaquejadas que eu frequentava. Com o passar do tempo essa ideia foi amadurecendo e ao invés de pesquisar as relações entre o homem e o animal dentro da feira do gado optei pela vaquejada de 7 de setembro que ocorre na cidade de Rio Tinto-PB.

Diante disso, dei continuidade ao meu trabalho procurando compreender melhor essas relações entre os vaqueiros e os animais envolvidos no evento como também as relações de sociabilidade entre os indivíduos que nela participam e tudo que acontece durante o evento. De acordo com minhas observações feitas em campo, percebi que a vaquejada é um lugar de sociabilidade e que é vista por muitos como uma festa. Dialogando com o conceito dado por Lea Perez.

A festa tem uma influência permanente “em nossas vidas individual e coletiva”, é um acontecimento contínuo que se adapta ao calendário constantemente, portanto o evento que aglomera muitas pessoas e por meio disso marca acontecimentos em forma de celebração, “os momentos culminantes”, ou seja, atinge o grau mais alto de encenação em áreas públicas, ruas e praças (PEREZ, 2012, p. 22).

Foi observado durante minha pesquisa o contexto dessa cultura, tentando entender as diversidades de sentidos entre os admiradores dessa prática (seja considerada como cultural ou esportiva) e as ONGs (Organização não governamental) protetoras dos animais. Dentre essas ONGs existem duas que acompanho seu trabalho pelo portal online¹⁰: Uma é “Olhar Animal” e a outra “É o Bicho”. Essas ONGs atuam na propagação de informação, organização de eventos, campanhas, mobilizações, proposições legislativas, entre outras atividades relativas à proteção aos animais. Meu acesso a elas é pela internet.

Segundo relatos de alguns moradores da região, a vaquejada já foi realizada em outros locais da cidade. Através desses relatos tentei traçar o surgimento desse evento e o que fez se tornar uma das vaquejadas mais antigas do Nordeste.

Dilma: dona Cravina não é moradora da Senzala, mora na rua Formosa, localizada bem próxima à Senzala, e conta que tem muitas lembranças dessa época, que a

¹⁰ <https://olharanimal.org/ativistas>, e <http://www.benditocao.com.br/instituto-e-o-bicho/>,

vaquejada era cercada de arame farpado e que tomava todo o espaço onde hoje é a Senzala (entrevista cedida por Dilma Dantas¹¹, 2019, pág. 23).

Sr. Andrade: eu, lembro de ter assistido à vaquejada na beira do Rio (aquele que passamos por ele quando subimos para a Vila Regina). Assisti também no espaço entre a Prefeitura Municipal de Rio Tinto e o Colégio EMEF Antônia Luna Lisboa. Assisti também naquele espaço, hoje ocupado pelo Gerbasão é o Colégio vizinho. (Trecho da entrevista por Sr. Andrade, 2018)

Conversando com as pessoas para conhecer melhor a vaquejada me deparei com uma admiradora que se tornou uma de minhas interlocutoras. Moradora da cidade de Mamanguape, vizinha a Rio Tinto, e que frequentou o evento por diversos anos. Ela fala com saudosismo e lembra do seu tempo de adolescente e as idas às vaquejadas com suas amigas.

Geovania:¹² Nos anos 90, eu era adolescente e passava o ano esperando pela vaquejada com minhas amigas, naquele tempo a gente se preparava bem antes para que nossos pais pudessem nos deixar ir, com 17 anos as meninas precisavam da autorização para poder ir à festa, comprávamos botas, calças jeans da moda e camisa de xadrez para poder fazer bonito. Era uma festa só, queríamos ir ver os vaqueiros que vinham de longe com seus cavalos de raça, era muito bom, era um desfile de moda e também a gente paquerava bastante, era uma festa só, mesmo às vezes não participando do show que era um clube fechado já valia a pena. A gente não via as vaquejadas como maus tratos aos animais não, era tudo mágico ver aqueles caras correndo atrás do boi, tentando derrubar só para muitas vezes se exibir para as moças que ficavam nas arquibancadas, tinha também as barracas onde vendiam lanches e bebidas e os vaqueiros sempre iam para lá depois que saíam da pista de vaquejada. Nossa era muito bom! (Trecho da entrevista cedida por Geovania 2018.)

Outra maneira de registrar o evento, os personagens e o local foi pelo uso das fotografias. A figura 8 é da vaqueira Geise, moradora da cidade de Rio Tinto e única vaqueira mulher da cidade, e que vê na vaquejada algo mais que esporte, para ela, a vaquejada significa trabalho, lazer e além de tudo foi pela admiração pelo esporte que se tornou a melhor vaqueira da região e que já foi personagem principal de um dos filmes produzidos pelos alunos da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e pelo AVAEDOC¹³ (Antropologia Visual, Artes, Etnografias e Documentários).

Em um de seus relatos feitos para o filme produzido em 2017 Geise fala que:

No início teve muito preconceito...Aqui em Rio Tinto sou a única mulher que corre em vaquejada. Hoje vaquejada para mim é tudo, hoje gera o meio para mim de emprego, porque hoje eu trabalho com acessórios para vaquejada, gera um meio de lazer, sobretudo, é tipo uma viagem que o pessoal de lá de casa vai, e eu já não quero ir, para mim já quero está na vaquejada, me sinto bem, me sinto feliz.

¹¹ Antropóloga formada pela UFPB

¹² Moradora da Cidade de Mamanguape - PB e que frequentou as vaquejadas nos anos 90.

¹³ Grupo de pesquisa especializado em antropologia visual, criado em 2011 no Curso de Antropologia, UFPB, CCAE, Rio Tinto.



FIGURA 8: Imagem da vaqueira Geise. Foto tirada em um de seus momentos participante na vaquejada.
Fonte: Acervo pessoal de Geise. Acesso em maio de 2019.

Diante dos relatos coletados segundo uma interlocutora a vaquejada é vista:

Dilma: A vaquejada para o pessoal daqui de Rio Tinto tem diversos significados que o dia sete mesmo né, a festa do dia sete ele já começa um período de ritual, ele já começa um mês antes, no mês de julho e agosto já começam os ensaios para poder acontecer o desfile. Já começa a organização de onde vai ser o desfile, já começa os trâmites para a organização da vaquejada, qual vai ser a premiação da vaquejada e também os convites de quem vai se inscrever. Então tudo isso ela tem uma significação muito grande, porque ela não é um evento que acontece naquele dia sete, ela acontece muito antes... É uma euforia muito antes de acontecer, o que acontece antes da festa os preparativos e tudo tem uma grande significação, principalmente para o pessoal porque eles começam a se organizar para quem vai colocar as barracas para poder vender os lanches, os almoços, as bebidas. Então a vaquejada tem uma significação muito grande, tem também uma divulgação porque vem gente de fora, os familiares ela é conhecida em muitos lugares não só aqui no estado da Paraíba, mas também em outros lugares, então ela tem uma significação muito forte (Entrevista cedida por Dilma 2019).

3.1– Trabalho, maus tratos, economia e esporte: os vários sentidos da vaquejada

A vaquejada que era vista como trabalho para os vaqueiros, passou a ser vista pelas ONGs protetoras dos animais também como uma forma de maus tratos aos animais. Diante disso Filho, Leite e Lima(2015), chamam a atenção para essa visão de que a finalidade tem se transformado, de acordo com a movimentação econômica.

No entanto, a atual prática da vaquejada se distingue desta origem, assim como é modificada a finalidade para a sua realização. O que antes era um instrumento associado a atividades necessárias à produção agropecuária, transformou-se numa diversão com maus tratos dos animais, justificada como prática desportiva, e que movimenta milhões de reais para restritos grupos empresariais. Nessa dicotomia, apresentam-se por um lado: a defesa da realização das vaquejadas, como representante da tradição cultural nordestina e que movimenta a economia local. De outro, os que a enxergam como uma prática que implica tratamento cruel aos animais e falta de segurança para os vaqueiros (FILHO; LEITE; LIMA, 2015, p. 62).

Como disse anteriormente, observei as ações de duas ONGs: “Olhar Animal” e “É o Bicho”. A “Olhar Animal” surgiu em 2006, primeiro como “Sentiens Defesa Animal”¹⁴, recebendo o novo nome em 15/06/2009, quando o site ficou online. Seus trabalhos pelos animais se iniciaram em 2001, por meio da “Sociedade Animal”¹⁰ e depois pelo Instituto “É o Bicho”.

Instituto É o Bicho é uma ONG que tem por objetivo a proteção e o bem-estar de todos os animais, atua na cidade Florianópolis – SC. Sua missão é educar, conscientizar e fazer valer os “direitos dos animais” em todas as suas esferas. A promoção de adoções de cães e gatos, juntamente com a castração destes tem sido o foco maior do nosso trabalho, assim como a orientação ao procedimento das denúncias de maus tratos aos animais (<http://www.benditocao.com.br/instituto-e-o-bicho/> acesso em janeiro de 2019).

Segundo o portal Olhar Animal, protetores e ativistas da causa animal foram às ruas do Recife contra a Proposta de Emenda Constitucional 50/2016, a chamada “PEC daVaquejada”, e outros cinco projetos de lei que defendiam vaquejadas e rodeios e pretendiam promovê-los a manifestações culturais e a atividades desportivas. A manifestação ocorreu dentro do movimento Crueldade Nunca Mais, em consonância com outras 50 cidades do País.

Nosso ativismo é pelos animais e não diretamente com animais. Atuamos na propagação de informação, organização de eventos, campanhas, mobilizações, proposições legislativas, entre outras atividades. Buscamos a conscientização e sensibilização das pessoas para os interesses dos animais e para a necessidade e o dever moral de defendê-los (<https://olharanimal.org/ativistas>, acesso em jan. 2019).

¹⁴ Primeiro nome da ONG Olhar Animal até 2009 quando a ONG virou site.

¹⁰ Organização já extinta.

Essas ONGs lutam na justiça para que a vaquejada seja reconhecida como maus tratos aos animais envolvidos e lutam para acabar com esse evento, tentando mostrar que enquanto o homem tratar o animal como propriedade haverá crueldade. No entanto, movimentando a economia das cidades onde acontecem, também são consideradas, por outros, como uma forma de proporcionar trabalho e recursos financeiros para os moradores. De acordo com Filho, Leite e Lima (2015) em “A prática da vaquejada em xeque.”

Sob o ponto de vista econômico, é inegável que a vaquejada se trata de um forte fator de renda no estado do Ceará, assim como em outros estados do Nordeste brasileiro, a gerar, inclusive, apreciáveis números de empregos e fomento à economia local. Para os defensores da vaquejada, não se enxerga na Lei nº 15.299/2013 agressões ao meio ambiente, ou como ela despretegeria a fauna, prejudicaria a função ecológica, provocaria extinção de espécies ou submeteria animais à crueldade (Filho, Leite, Lima ,2015, p. 68).



FIGURA 9: Imagem do patio onde mostra as pessoas assistindo o evento enquanto outros vendem.

Fonte: <http://www.paraibacriativa.com.br/artista/vaquejada-da-independencia-de-rio-tinto/>. Acesso em maio de 2018.

Em 8 de março de 2013, o Estado do Ceará decretou a Lei nº 15.299/2013 que regulamenta a vaquejada como atividade desportiva e cultural, levando em consideração a proteção de vaqueiros e animais, determinando que:

Art. 4º. Fica obrigado aos organizadores da vaquejada adotar medidas de proteção à saúde e à integridade física do público, dos vaqueiros e dos animais.

§ 1º O transporte, o trato, o manejo e a montaria do animal utilizado na vaquejada devem ser feitos de forma adequada para não prejudicar a saúde do mesmo.

§ 2º Na vaquejada profissional, fica obrigatória a presença de uma equipe de paramédicos de plantão no local durante a realização das provas.

§ 3º O vaqueiro que, por motivo injustificado, se exceder no trato com o animal, ferindo ou maltratando-o de forma intencional, deverá ser excluído da prova.

Em 29 de novembro de 2016, foi sancionada, sem vetos, pelo presidente da República a lei nº 13.364, que regulariza a vaquejada, bem como as respectivas expressões artístico-culturais, pretendendo elevá-la à condição de manifestação cultural nacional e de patrimônio cultural imaterial.

Houve ainda uma polêmica envolvendo as vaquejadas que se intensificou em outubro de 2016, depois que o Supremo Tribunal Federal (STF) julgou procedente a ação do Ministério Público contra a lei que regulamenta as vaquejadas no Ceará. O relator, ministro Marco Aurélio Mello, considerou haver “crueldade intrínseca” contra os animais, embora contrariasse muitas opiniões que diziam que haveriam vaquejadas sem crueldade. Entretanto, a possibilidade de uma vaquejada sem crueldades foi descartada por entidades e especialistas que defendem os animais. É o caso da veterinária Vânia Plaza Nunes, diretora técnica do Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal, entidade que reúne 127 entidades de todos os estados brasileiros. Para ela, não há vaquejada sem sofrimento, especialmente porque a cauda, que recebe a tração, é uma continuação da coluna vertebral dos bois.

Os animais podem ter diferentes lesões: luxação, fratura de vértebras, hemorragia interna — disse Vânia, nomeada como perita técnica do Ministério Público para esse tipo de evento. Mas, para os defensores da vaquejada, há desconhecimento do tema. Antônio Travassos, zootecnista e juiz de equipamentos e bem-estar do animal em provas, cita o exemplo da cauda artificial. Feito de nylon, o equipamento foi criado para evitar arrancar o rabo dos bois com a tração (<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/>).

Assim a vaquejada foi reconhecida legalmente como patrimônio cultural e imaterial, por suas práticas e técnicas serem transmitidas de geração a geração e constantemente recriadas pelas comunidades, gerando um sentimento de identidade e continuidade. Embora o vaqueiro nordestino já seja considerado como um bem cultural e atleta profissional do país pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), desde 11 de abril de 2001 pela Lei nº 10.220¹⁵ quando a lei foi sancionada pelo Congresso Nacional.

De acordo com Maria Cecília Londres, o termo, [...]patrimônio significa o conjunto de bens de valor cultural que passaram a ser propriedades da nação, ou seja, do conjunto de todos os cidadãos (FONSECA, 2009, p.58).

¹⁵ BRASIL, Lei nº 10.220, de 11 de abril de 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10220.htm>. Acesso em: 29.08.2019.

Em defesa de tal lei, o Senador Roberto Muniz (PP-BA):

Alegou que, diferentemente da tourada, em que há luta do ser humano contra o seu animal, a vaquejada, como esporte, nasceu de uma necessidade de trabalho e do apreço que o vaqueiro tem pelo animal, ao protegê-lo de se desgarrar do rebanho. “O que nós estamos colocando é a destreza do vaqueiro, a capacidade de trazer para a boiada o seu boi para que ele não sofra com um abate por meio de uma arma de fogo. Ele derruba e traz o animal com muito carinho. E é por isso que é muito importante que a vaquejada e todas as outras manifestações culturais tenham esse status de patrimônio imaterial do Brasil.

<https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/vaquejada/vaquejada/economiae-cultura-armas-pro-vaquejada>

Com o objetivo de legitimar a vaquejada, o estado do Ceará, diante das críticas, formulou o entendimento de que as vaquejadas precisavam ser reconhecidas como uma prática esportiva. Considerando-as como “esporte” oriundo das tradições nordestinas de criação de gado. Seu argumento se embasava no artigo 215 da Constituição que dá direito às manifestações culturais enquanto expressão da pluralidade: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais (Art. 215, § 1 da Constituição Federal de 1988).

3.2– Como pensam os praticantes da vaquejada de Rio Tinto.

O meu interesse passou a ser entender como pensam os praticantes da vaquejada de Rio Tinto sobre a relação entre humanos e não humanos envolvidos no evento. Essa prática é vista por eles como maus tratos aos animais? Para alguns moradores com quem conversei, a vaquejada é uma cultura, esquecendo assim tudo que acontece com os animais e o sofrimento causado por tais práticas. Rapcham (2014) fala que “As relações estabelecidas entre humanos e outros animais em diferentes culturas são plurais e sugerem um amplo leque de possibilidades que são geralmente híbridas e multifacetadas (RAPCHAM, 2014, pág. 02). Segundo a corredora Geise, mencionada acima, a atividade não tem relação com maus tratos, mas é uma atividade que deve ser incentivada:

Gosto muito de animais, de cavalos e acho que isso teria que ter mais apoio, de todas as partes, da prefeitura, de comerciante para mim incentivar mais e correr com mais vontade do que eu corro...hoje aprendi ter amor pela vaquejada, pelo animal. (Trecho da entrevista no filme (“Ser Mulher e Ser vaqueira”, 2017).



FIGURA 10: Imagem da vaqueira Geise. Foto tirada em uma vaquejada fora de rio tinto.

Fonte: Acervo pessoal de Geise. Acesso em maio de 2019

Segundo uma das moradoras da região, dona Maria, “a vaquejada já faz parte da cultura deles, e que tem até pessoas que esquecem que os animais sofrem (entrevista cedida em 2019)”.

Já uma outra moradora da Rua da Tijuca, Maria de Fátima, fala com entusiasmo sobre a vaquejada e o que ela significa para ela e na visão dela para a cidade. Em uma conversa descontraída Maria de Fátima contou como são os dias da vaquejada para ela:

Jaqueline: O que você acha da vaquejada para a Cidade?

Maria de Fatima: assim para a cidade é bom porque além da sociabilidade de ter a festa que as pessoas vão, dançam reencontram os amigos, aí tem aquele momento de aconchego, porque assim as pessoas que foram embora daqui pessoas que retornam para a festividade, porque já é uma tradição e sabem que aquele dia vai ser um dia festivo. Então para essa base econômica a cidade também é muito boa. Porque as pessoas que vem de fora vão gastar ali, vão procurar lugares para beber para almoçar, para dormir. Então os hotéis, as pousadas e restaurantes ficam tudo cheio, em termos de economia para a cidade é muito bom, principalmente para aqueles vendedores ambulantes que vendem na rua, e para os moradores a cidade fica agitada, fica cheia as pessoas podem se confraternizar porque os parentes vêm para festejar fazer churrasco, fazer festa, dançar, beber, quer dizer é uma reunião que existe toda uma sociabilidade. Que juntam não só por conta da vaquejada que é uma tradição, mas uma forma de reunir também a família e amigos

Jaqueline: como é para você esses dias de festas?

Maria de Fatima: Na minha visão é algo muito bom, eu particularmente fico ansiosa quando está chegando o dia sete, muitas vezes vou no parque na vaquejada, dou uma olhada vejo se consigo encontrar velhos amigos que não moram mais aqui, as vezes o pessoal da família vem e fica aqui em casa vem minhas amigas, ou um pessoal conhecido tomar um banho, é muito bom eu gosto do movimento, gosto de ver pessoas.

Jaqueline: Como era as vaquejadas anos atrás?

Maria de Fatima: Antigamente as vaquejada eram melhores, vinha mais gente, no início as vaquejada eram aqui na rua da Tijuca, que hoje está sendo construída a creche que foi o primeiro pátio foi construído por seu Zé Leandro que já faleceu, aí depois passou para outras pessoas e construíram um pátio novo, aí foi modificando as coisas, então, assim a festa é muito falada, em termos de vaqueiros já foi muito mais divulgada, então na minha opinião deu uma caída muito grande por conta da premiação que modificou. Antigamente haviam os fazendeiros que se empenhavam e a vaquejada era bem mais tradicional (entrevista cedida em 2019).

4. CONCLUSÃO

Com a finalização de minha pesquisa, pude compreender que a vaquejada de Rio Tinto é mais que um evento financeiro, ela passou a fazer parte da cultura da cidade, pois surgiu durante instalações da Companhia de Tecidos Rio Tinto junto com a cidade, fazendo parte da vida dos moradores da região.

Com 72 anos de realizações, muitos moradores veem esse evento como algo de grande importância para a cidade, pois faz parte da cultura e movimenta assim a economia da região.

Quanto às relações com os animais isso não é visto para alguns moradores como maus tratos, e depois dos movimentos dos ambientalistas e ativistas, a vaquejada tornou-se algo bem menos traumático para os animais e melhorou bastante essa relação. Hoje em dia, após o decreto de lei, a vaquejada é realizada com maiores cuidados, pois a lei 15.299/2013 obriga as vaquejadas a tomarem medidas de proteção física dos vaqueiros, do público e dos animais, o que garante mais proteção para os animais e segurança para os vaqueiros.

Tendo em vista tudo que foi abordado durante a pesquisa, tornou-se claro que para alguns moradores da cidade, a vaquejada é mais que um evento sócio econômico, ela passou a ser um evento cultural, para o qual muitos se preparam e esperam durante meses antes da realização.

Com relação ao fator econômico, fica claro também que gera renda e empregos temporários, melhorando assim a economia da cidade.

Pude perceber que a vaquejada, com o passar dos anos, foi se modificando, mas a sua essência não mudou, assim tento mostrar o lado daqueles que gostam e defendem a vaquejada, mas sabendo também que existe o outro lado que não apoia por questão de maus tratos. Enfim, relatei também um pouco das minhas memórias o que foi de extrema importância para mim, lembrar os tempos da vaquejada, tempo esse que por um tempo ficou adormecido

e que só é lembrado no tempo da vaquejada, mas que hoje só ficam a saudade do tempo que passou.

Identifiquei um fator importante, a sociabilidade que envolve todo o evento. Pois atraí muitos admiradores de outras regiões. Baseie-me em autores como Malinowski para mostrar a importância da observação participante que nos permite observar os fatos a partir de dentro e buscar a visão das pessoas envolvidas.

Trabalhei com algumas entrevistas de maneira cuidadosa, e obtive informações que foram conversas que proporcionaram momentos bons e de aprendizado, tentei superar meus medos de forma a ir ao encontro do outro, e não ficar somente na observação distanciada. No curso de bacharelado em Antropologia pude me debruçar sobre o assunto que me motivava a cada dia pesquisar, agradeço a Deus e a todos que de forma direta e indireta me ajudaram e me incentivaram a chegar à conclusão desta pesquisa, e perceber o quanto foi gratificante. No mais chego à conclusão que existe uma valorização cultural muito forte para a região diante de tudo que foi pesquisado e através das narrativas dos moradores.

REFERÊNCIAS

AIRES, Francisco Jânio Filgueira. **O espetáculo do cabra-macho**: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte. 2008. p. 78. Disponível em: <http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado/tde_arquivos/34/TDE-2009-02-19T060126Z1705/Publico/FranciscoJFA.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

_____. BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm> Acesso em: 02 set. 2019.

_____. BRASIL. Constituição (1988). Emenda constitucional n. ° 96 de 2016 <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm> Acesso em: 02 set. 2019.

_____. BRASIL. Decreto 24.645. Decreto 24.645, de 10 de julho de 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d24645.htm Acesso em: 02 set. 2019.

_____. BRASIL. Lei 15.299. Lei Estadual do Ceará 15.299 de 2013. Disponível em: <<https://www.al.ce.gov.br/index.php/atividades-legislativas/leis>> Acesso em: 02 set. 2019.

_____. BRASIL. Regimento Interno da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/regimento-interno-dacamara-dosdeputados>> Acesso em: 02 set. 2019.

_____. BRASIL. Lei n. ° 13.364 de 29 de novembro de 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13364.htm> Acesso em: 02 set 2019.

CASCUDO, Luís da Camara: **A vaquejada nordestina e sua origem**. Natal, Fundação José Augusto, 1976. CAMARA CASCUDO, Natal, Fundação José Augusto, 1976.

DA MATTA, Roberto. (1978). “**O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues**”. In, NUNES, Edison de O. (Org.). A aventura sociológica. Rio de Janeiro, Zahar editores, pp. 23 a 35.

DA MATA, Roberto **Você tem cultura?** Jornal da Embratel, RJ, 1981.

DANTAS, Dilma da Silva. “**Cotidiano e Sociabilidade de mulheres na Senzala: Interações, Conflitos e Vizinhança**. Rio Tinto: UFPB,2019.

DURKHEIM, Émile. (2002). **As regras do método sociológico**. São Paulo. Martin Claret.

FERNANDES, João Batista. **O Extinto Rio Tinto**. João Pessoa: UFPB,1971.

FILHO, Valdemar Siqueira. LEITE, Rodrigo de Almeida. LIMA, Victor Breno. A prática da vaquejada em xeque: considerações sobre a ação direta de inconstitucionalidade nº 4.9831. 2015. p. 68. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/RBDA/article/viewFile/15297/10657>

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**,3 ed. Rio de janeiro ,200

História de Rio Tinto-PB. Ache tudo e região. Disponível em: <HTTPS://www.achetudoeregiao.com.br>>PB Acesso em: 16 dez. 2018. 22:31hr

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. 2. Ed. São Paulo: abril Cultural, 1978

MATEUS, Silvio Alves Santos, **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores perspectivas e desafios**. São Paulo.2017

MAGNANI, José Guilherme cantor, **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**, RBCS,2002

MENEZES, Maria A. de. “**História Oral: uma metodologia para o estudo da memória**”, em VIVENCIA. UFRN/CCHLA. Natal, n 28, 2005. Julie A. Cavignan (org.) e Márcio M. Valença (Editor).

PEREZ, Léa Freitas. **Festa para além da festa**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

TADEU, Roberto Marinho Sales, **A (in) constutualidade de emenda constitucional 96\2017 que busca legitimar a vaquejada sob a égide da proteção ao patrimônio cultural imaterial brasileiro**. Natal, RN. 2017.

RAPCHAN, E.; ALVES, W. **Etnografias sobre humanos e não humanos: limites e Possibilidades**. Revista de Antropologia, v. 57, n. 1, p. 33-84, 11 nov. 2014

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. PLURAL, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017

SER MULHR SER VAQUEIRA. Produção de Giulianne França e Luan Tobias. Rio Tinto: CCAE, Campus IV UFPB, 2017.

SIMMEL, Georg, 1858-1918. **Questões Fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade/Georg Simmel; [tradução, Pedro Caldas]**. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed, 20
_SIMPOSIO=20&fbclid=IwAR3CGK0u9gLwBUrUiEG0UWhHM_SdKIqwIzTrEdeMGc4Z
ASgfDQi1ppS0G-Y<http://www.paraibacriativa.com.br/artista/vaquejada-da-independenciade-rio-tinto/>

[_http://www.30rba.abant.org.br/simposio/view?ID_MODALIDADE_TRABALHO=2&ID](http://www.30rba.abant.org.br/simposio/view?ID_MODALIDADE_TRABALHO=2&ID)

[_http://www.portalvaquejada.com.br/ranking](http://www.portalvaquejada.com.br/ranking) Acesso em 06 out. 2018.

[_https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/vaquejada/vaquejada/economia-e-culturaarmas-pro-vaquejada\)](https://www12.senado.leg.br/emdiscussao/edicoes/vaquejada/vaquejada/economia-e-culturaarmas-pro-vaquejada)

<https://pbvale.com.br/politica/vaquejada-de-rio-tinto-completa-72-anos-no-proximo-dia-7-desetembro-confira-programacao/?fbclid=IwAR0F7ZCEVOJzi-0X9IRLGuTREk7kubU18jWQwTx9tIC2wi3oAW0G-Slw6Y>: Acesso em 15 ago.2019.

<https://olharanimal.org/ativistas-protestam-contrapec-da-vaquejada-neste-domingo-emrecife-pe>

<http://www.benditocao.com.br/instituto-e-o-bicho/>

<https://www12.senado.leg.br/>

Voto do Min. Relator, Marco Aurélio Mello, no julgamento da ADI 4.983, em 12 de agosto de 2015, p. 3. Disponível em < http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADI_4983.pdf>. Acesso: 09 de setembro 2019